FEUDO CÓSMICO

BOTAR IMAGEM

FEUDO CÓSMICO

O conteúdo a seguir é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou usados de forma fictícia, por mais que a obra utilize de temas científicos ela não segue as leis da física e da termodinâmica à risca, portanto quebras das mesmas devem ser levadas como licença poética. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas é mera coincidência.

The following content is a work of fiction. Names, characters, places, and incidents are products of the author's imagination or used fictitiously. Although the work uses scientific themes, it does not strictly adhere to the laws of physics and thermodynamics; therefore, any deviations from these laws should be considered poetic license. Any resemblance to real persons, living or dead, is purely coincidental.

El siguiente contenido es una obra de ficción. Los nombres, personajes, lugares e incidentes son producto de la imaginación del autor o se utilizan de forma ficticia. Si bien la obra aborda temas científicos, no se ajusta estrictamente a las leyes de la física y la termodinámica; por lo tanto, cualquier desviación de estas leyes debe considerarse licencia poética. Cualquier parecido con personas reales, vivas o fallecidas, es pura coincidencia.

Essa obra será atualizada com o tempo, entretanto é de bom grado sua colaboração para motivar o autor a continuar com a história

Se o Qr code não funcionar aqui a chave Pix:313d0bfe-a06c-41ac-9915-1abdf32edbc7
Discord: aquele_que_tbm_caiu
Instagram:https://www.instagram.com/arcanjo_piurtiel?igsh=MTIwenV0am9ubWxsbg==

FEUDO CÓSMICO

SINOPSE

Reino De Victorian, ano 17.957 na era Adamanatrov, os humanities prosperaram após um evento histórico, conhecido como, Guerra santa. sob a tutela de um idealista, cujo nome não é mais lembrado. que em esforço conjunto, com alguns de seus aliados, eles fundaram uma nação que reina pelo cosmos.

Graças aos nobres esforços desses antepassados, o reino está atualmente na era das grandes explorações. o universo e seus recursos são infinitos e com uma população estimada por volta de 497.389 trilhões de pessoas. a economia se mantém através de mineração de asteroides e da exploração de recursos planetários, mas nunca será o suficiente.

O Reino de Victorian sempre investe em políticas expansionistas, para isso, o reino sempre dissemina propagandas de recrutamento e até patrocina essas nobres pessoas, dispostas a largarem tudo, para morarem em colônias. entretanto, essas colônias são muito difíceis de se manter, devido à distância, pois quando os colonos chegam a esses novos mundos, eles ficam muito tempo fora do alcance da jurisdição do reino.

Mesmo com a tecnologia em seu ápice, ainda é muito difícil, se comunicar com alguém que está do outro lado do território do reino. devido a isso, esses bravos cidadãos, que se ofereceram para esta importante missão. podem acabar, por indução de terceiros, criando uma sensação, de que esses novos territórios, a eles pertencem, e acharem que possuem o direito de se rebelarem contra o grandioso Reino de Victorian.

Sabendo disso, a capital sempre envia tropas para suprimir possíveis insurgências, mas nem sempre deu certo. consequentemente, cinco nações surgiram dos antigos territórios pertencentes ao reino, não há diplomacia, somente uma fachada de colaboração, pois todos querem uma só coisa, tomar o que é seu, por direito.

FEUDO CÓSMICO

PRÓLOGO

A coisa se aproximou, viu algo que nunca tinha visto antes em toda sua vida miserável. parecia com uma bola branca, com alguns entalhes em dourado na lateral.

Um ponto branco na escuridão, estava flutuando pela vastidão do cosmos como um viajante perdido, mas ela não estava perdida.

Tinha algo escrito em sua fuselagem, "batedor de pré-colonização avançado" essas palavras tinham o propósito de informar sua função.

No entanto, a coisa boçal não entendia o significado dessas palavras, era como um animal vendo a civilização pela primeira vez.

Como todo animal, sua primeira reação foi a violência, tão monstruosa, tão feroz, seus grunhidos eram apagados pelo vácuo.

A coisa então percebeu, em sua infinita ignorância, que a esfera possuía em sua lateral, uma luz vermelha que se acendia e se apagava, de forma perpétua.

Uma onda invisível se espalhava pelas estrelas, como folhas ao vento durante a primavera, essas ondas eram sinais criptografados, que detinham gravações com os dados adquiridos deste sistema solar.

Dados esses que serão usados para identificar os recursos naturais disponíveis, para serem explorados futuramente, por alguém muito ganancioso, entretanto, essas ondas somente avisaram a um dos predadores dessa terrível e sombria floresta, da presença de uma nova caça.

FEUDO CÓSMICO

Capítulo 1
—De encontro com a morte.

*P*orto-estelar do planeta Ibiriun-7, localizado na estrela Nukt clav-027.32 no Zênite da estrela capital.

As condições estavam ótimas para o voo, eram 5 horas e 78 minutos, não estava tendo nenhuma tempestade de diamantes e por mais escuro que estivesse o céu, os sensores indicavam que tudo permaneceria calmo pelas próximas horas.

Um homem caminhava em um ambiente limpo e branco, como a neve, mas lotado de pessoas desesperadas para irem embora.

Ele carregava malas, que pesavam como caixotes de metal. As segurava de tal maneira, que nem parecia um idoso de cabelos esbranquiçados e na flor da idade, ele se aproximou de um balcão, na intenção de ser atendido.

Havia um ser humanoide, atrás do balcão de recepcionista, ele estava encarando três telas de luz, que flutuavam logo acima do balcão, como se fossem pequenas janelas brilhantes.

Logo abaixo destas, tinha mais uma na horizontal, só que essa continha apenas letras e era bem menor.

O homem foi recepcionado por um vassalo automatizado, comumente chamado de V.A, ele vestia um terno preto, que parecia bastante justo, qualquer um ficaria sufocado ao usar esta roupa, daquela maneira.

mas para a máquina, que não nasceu de uma mãe, mas sim, em uma linha de montagem. não havia problema algum.

Seu rosto era uma planície escura com detalhes em verde, não havia boca e nem nariz, seu queixo era achatado e sua cabeça era perfeitamente lisa, seus olhos eram pequenas janelinhas de vidro, com globos oculares em seu interior.

Suas mãos, que trabalhavam diligentemente, mesmo ao lidar com clientes, nunca cessavam, ele era o servo perfeito que um nobre poderia ter.

— Bem vindo a Vitalis Star-lines, o senhor deseja alguma coisa? — falou a máquina, com uma voz digital e livre de qualquer emoção.

— eu estou no voo das seis, anda logo com isso, robô — disse o homem impacientemente.

Após digitar por alguns segundos na interface holográfica, o autômato prosseguiu dizendo.

— seu voo está no portão 7-b, tenha uma boa viagem — após ouvir isso da máquina em forma humanitie, o homem pegou sua bagagem e seguiu o caminho.

Seu pulso piscou uma luz forte. era seu link alertando que ele realizou um pagamento e mostrando para ele a fatura.

— espero conseguir o dinheiro logo — falou o homem, encarando a interface ao redor de seu pulso.

No portão determinado, o homem passou por uma fila, com numerosas pessoas passando por checagens minuciosas, parecia que algo de ruim estava sendo previsto de acontecer neste voo, todos pareciam bem tensos.

Um outro V.A, desta vez armado, se aproximou do homem, pedindo a sua bolsa, sem margem para escapatória, ele a abriu, com cautela o autômato fuçou ela e tirou um objeto de dentro.

FEUDO CÓSMICO

Era uma arma, tinha o dobro do tamanho de uma cabeça e sua empunhadura era grossa e arredondada, atrás do gatilho e acima da empunhadura, que parecia ser feita de madeira.

Havia também, um disco que brilhava uma cor azul, sua ponta era afiada como uma espada.

— armas não são permitidas neste voo, os seguranças e os mercenários contratados, farão a vigília — disse o autômato, o repreendendo, sem realmente se importar, pois estava apenas seguindo o que foi feito para fazer.

Era um senso comum, que o espaço entre as estelas, era extremamente perigoso. piratas poderiam realizar um ataque a qualquer momento, sem discriminação, apenas para se apoderar das posses alheias.

Ciente disso, o homem disse — olha, eu tecnicamente ainda sou um mercenário, só não tenho o registro da arma.

— Irei chamar o gerente, essa arma está confiscada — o homem se assustou quando ouviu isso, ele não queria ser fichado, não de novo, já tinha problemas demais para lidar nessa vida.

Então, quebrando toda sua tensão, seus ouvidos sentiram passos, passos esses que podiam ser ouvidos a uma grande distância, tinha muitos sons ao redor, mas esses se distinguiram dos demais, pois eram familiares.

Ele olhou em direção a esses passos tentando saber sua origem.

— não acredito no que estou vendo — ele ficou boquiaberto, nunca pensou que encontraria essa pessoa aqui.

— Faz tempo que não te vejo, parceiro — falou o homem, acompanhado de dois vassalos automatizados, fortemente armados.

Era um amigo, mas havia uma dúvida, porquê?

Ele era um homem que se orgulhava de ser livre, de não estar amarrado a nada ou ninguém, era alguém que iria, de bom grado, até os confins do universo, só para se aventurar.

— Joel cabeça dura! você tá vivo seu desgraçado! — o homem velho parecia estar muito feliz, mesmo que estivesse xingando o suposto amigo.

Todos ao redor pareciam estar incomodados com tamanha barulheira, mas não passou disso, pois todos tinham suas vidas e problemas pessoais para lidar.

— Archibald, um homem que jurou nunca descansar, mas não pôde vencer a idade, você tem quanto?815? — falou o homem chamado Joel cabeça dura, zombando em resposta.

Então percebendo o problema do amigo, ele interviu, para resolver a situação

— Está havendo algum problema? — falou Joel, interrogando o autômato e Archibald.

— esse homem está portando uma arma não licenciada — falou a máquina, sem perceber, o olhar de reprovação de seu superior.

— esse homem é um dos maiores caçadores de recompensa de sua época, não consta em seu banco de dados? — falou em defesa de seu amigo.

— Lamento não possuo registros desse indivíduo — falou a máquina, sem realmente lamentar.

Então Archibald se lembrou de algo, algo que ele não usava a muito tempo.

— Espere! Espere! eu tenho uma insígnia de guilda, serve de registro? — ele tirou do nada, uma imagem de luz pura, que saia de seu pulso e exibia um símbolo de uma instituição.

A máquina olhou para aquela imagem e disse — se o senhor usar um coldre especial de contenção, pode levar a arma consigo.

Com a situação resolvida, a máquina voltou para seu posto, Joel também se livrou dos dois V.As que o acompanhavam.

No Reino, a segurança era feita por equipes de patrulha ou boias de policiamento, mas no caso desses ativos não se mostrarem eficientes, foi criado um sistema de recompensas.

Archibald era um desses mercenários, que capturavam piratas e foras da lei por dinheiro, mas na maioria das vezes, seus alvos, eram só “peixes pequenos”, ladrões de propriedades nobres e contrabandistas.

Joel também foi um, então para interrogá-lo, ele disse — eu imploro, me diz que você só tá disfarçado! — Archibald falou com um tom de tristeza.

Joel somente balançou a cabeça. era comum, que, alguns mercenários, mal sucedidos, se aposentassem, quando recebessem a oferta de vassalagem de algum aristocrata.

Não era um pecado, muitas dessas pobres pessoas, apenas desejavam parar em um planeta fertil e viver uma vida calma e tranquila.

Mas Archibald, não podia aceitar isso — você não entende — falou na expectativa, de convencer o amigo.

— Na verdade, eu entendi, passar a vida caçando criminosos, correndo perigo, se machucando e tudo isso porque, não tem outra coisa que saiba fazer nessa vida — confessou Joel.

E continuou sua explicação — eu estava procurando um trabalho, quando o antigo chefe da casa Arngstronyes, me fez uma proposta.

Archibald ouviu essas palavras, com dor no seu coração de biopolímeros.

— A de ser um segurança de porto? — falou Archibald, com um tom ácido.

— Não, sou gerente de segurança interplanetária — esclareceu Joel, com orgulho de onde chegou na vida.

— desculpa, eu — tentou dizer envergonhado, Archibald estava remoendo seu próprio comentário.

— Tá tudo bem, mas fala, e você, não quer se aposentar? Se quiser, eu posso falar com o chefe atual da casa Arngstronyes, um ex-mercenário a mais seria muito lucrativo — falou Joel, pensando no bem de seu suserano e de seu amigo.

— Lamento, não posso aceitar, eu ainda tô no jogo — falou na intenção de mostrar força, mas estava tentado a aceitar, só não aceitou, pois ainda tinha algo a resolver.

— Então o que te traz aqui? — perguntou Joel.

— Eu tô na caça de um dos líderes da Constelação dos mala sunt, o Mestiço. a muito tempo, eu venho caçando esse cara, tô seguindo ele desde Alphanum Glot — falou Archibald, em uma forma de mostrar que a conversa ficou séria.

Joel então olhou para os lados e perguntou — esse cara, não é o que gasta todo o dinheiro em edição genética, pra ficar mais forte?

Joel estava preocupado com essa situação, principalmente por ser o chefe da segurança, ele tinha que estar de olho nessas notícias.

Archibald respondeu — exatamente, mas ele não é páreo para mim — falou de forma simplória enquanto acenava com a cabeça.

Joel preocupado com sua área — então ele tá por aqui? nessa estrela? — falou em um tom de alerta.

Archibald não tinha certeza de sua teoria.

— minhas fontes dizem que ele tentou vender os serviços dele, para um tal de Alkreyzu e foi embora — suas fontes nunca foram confiáveis, mas fontes confiáveis não possuem informação nenhuma.

Eles pretendiam continuar a conversa, mas um terceiro a invadiu.

FEUDO CÓSMICO

— Eu imploro aos senhores! se puderem me ajudar, com uma pequena quantia, eu seria muito grata — falou uma mulher vestindo farrapos.

Seu corpo era fraco e desnutrido, seu cabelo estava empoeirado e sua face estava coberta de cicatrizes.

Archibald era um homem cético e desconfiado, então ele perguntou à mulher — pra quê você quer esse dinheiro? — falou irritado com a intrusa.

— Para que eu possa editar meu corpo, para aguentar as pressões atmosféricas desse planeta, eu juro que é só pra isso! — falou a mulher, angustiada e com os olhos fundos de tanto chorar de dor.

Com empatia, Joel apontou o braço, com a palma virada para cima e disse — essa quantia é o suficiente?

Enquanto ele falava, um número tinha surgido acima de seu pulso.

A mulher sorriu, pela primeira vez em muito tempo e logo apontou o braço na mesma posição, ao lado do braço de Joel, um som foi ouvido e o número no pulso de Joel foi para o da mulher.

Ela agradeceu e seguiu seu caminho, não era incomum, alguns indivíduos aplicarem golpes com uma suposta história, de que precisam editar seus corpos para se adequar às condições de um planeta.

O problema mesmo, é que às vezes, a história é verdade e a pessoa realmente precisa de ajuda, mas não a obtém, devido a desconfiança.

Archibald pensando nisso, perguntou a Joel — tem certeza disso? podia ter sido um golpe.

Ele observava a mulher indo importunar outras pessoas.

— Sendo ou não, ela com certeza deve ter um bom motivo pra isso ou você não lembra do que aconteceu em giamaz-0? — falou Joel, com cautela para não despertar lembranças sombrias em Archibald.

— Uns com muito e outros nem o pouco possuem — falou Archibald, enquanto lembrava do assunto.

Eles seguiram o caminho até a entrada, em silêncio, pensativos com o que acabou de ocorrer.

Até que passaram na frente de um holograma de uma mulher, extremamente animada.

A imagem de luz começou a falar de forma roteirizada — você já pensou em ser um pioneiro em um *NOVO MUNDO?* ser o primeiro a pisar em um novo lugar?

Ela falava em um tom inspirador e fazia caras e bocas, na intenção de estimular seu telespectador.

Ela continuou a falar — saiba que abriram novas vagas, para embarcar em novas colônias, Imagine entrar em uma gigantesca embarcação e dormir por milênios! para chegar em um lar de novas possibilidades e mistérios a desvendar nesse cosmos.

Suas palavras eram tentadoras.

— Venha já fazer sua inscrição e servir diretamente para o Reino de Victorian, como alguém que irá levar à glória de nossa pátria a todas as estrelas do universo — A pessoa da propaganda falava de forma sucinta e enganosa, ocultando as vezes que as colonizações resultaram em grandes tragédias.

Archibald, já pensou em ser um colono um dia, mas decidiu desistir, normalmente apenas pessoas com dívidas ou que não tenham mais nada na vida é que aceitavam, a ideia de sumir do mapa era encantadora.

Para não permanecerem em um silêncio sepulcral, Archibald puxou um assunto, que ele já queria discutir — aproveita que é você quem cuida da segurança e me diz o motivo de tanta preocupação, eu pensei que ia ser executado, só por estar armado.

Joel pensou se poderia contar, pois era confidencial, mas lembrou que seu amigo era ótimo em guardar segredos.

— Parece que tem um conde a bordo, e a coisa ficou feia entre ele e o atual senhor dessa estrela, parece até que uma antiga aliança entre as famílias vai ser desfeita — falou Joel a seu amigo.

Isso era uma notícia de extrema importância e fez Archibald ficar assustado, isso explicava toda aquela segurança minuciosa, era tudo para proteger alguém muito poderoso na aristocracia.

Archibald então falou — tem certeza que pode me contar isso? — Joel podia perder sua vida pacata ao fazer isso.

Plebeus não devem se meter nos assuntos dos nobres, senão receberiam graves consequências no futuro.

mas uma dúvida subiu na cabeça de Archibald, condes eram pessoas muito importantes e ocupadas com seus deveres nobres, o que alguém de tamanha estirpe estaria nessa estrela não tão lucrativa.

Até o planeta fertil deixou de ser habitável, obrigando todos a viverem em outros planetas, luas ou em estações ancoradas nas órbitas.

Joel não poderia mais falar, pois eles chegaram até o portão de entrada 7-b, que mais parecia um tubo, que estava conectado a uma gigantesca embarcação do lado de fora, ela era imensa e branca, com alguns detalhes em laranja, Archibald só percebeu o final de sua caminhada, quando notou o silêncio de seu amigo.

Ele entendeu a deixa e apenas disse — obrigado por me acompanhar até aqui, se divirta em sua vida pacata, senhor gerente.

Falou para disfarçar na frente de outras pessoas, pois um chefe de segurança, não podia estar muito íntimo de um dos clientes, tinha que manter a neutralidade de um profissional.

Joel para não ficar calado, apenas disse — tenha uma boa viagem — ele tinha um largo sorriso no rosto.

Mesmo em idade avançada, os humanities ainda possuem o vigor e a força necessária para sobreviver. por isso, estes dois amigos puderam se reencontrar, mas o que eles não sabiam, era que talvez essa fosse sua última despedida, deste frio e aterrador universo, que é indiferente as vidas e as suas histórias que percorrem pelo *cosmos*.

FEUDO CÓSMICO

*N*obres são perfeitos, ou eles deveriam ser.

Dorot se sentiu constrangido, diante de sua atual situação, sem nenhuma esperança de salvação para ele e seu Baronato.

Sua casa estava falindo, comerciantes não passavam mais pelo seu território, o planeta fertil de sua única estrela restante, estava passando por uma era glacial.

Os outros nobres perderam o respeito por ele e pela sua estimada família.

Até mesmo a plebe, que deveria ser grata, pela sua misericordiosa administração, começou a se rebelar, alguns desses sujeitos ingratos, em sua audácia, enviavam um pedido de liberação de suas obrigações a prefeitura, na intenção de se mudar para outro território e vender sua lealdade, que não vale nada, a outro aristocrata.

Dorot, que estava sendo pressionado para salvar a reputação de sua casa e ser como seu pai, que foi um grande homem, pensou em soluções para essa adversidade, sem nenhuma escolha, ele partiu para um Ponto de Clareira.

Lugar usado para descanso de longas viagens interestelares, com bares, lojas, quartos e postos para reabastecer os suprimentos e os combustíveis das embarcações.

Ele usava uma nave de cor escarlate, ela era pequena e só servia para viagens de pouca distâncias, tinha duas asas, com propulsores-rã nas pontas, já na parte da frente do casco, tinha uma camada de prismadium com o nome de sua casa "ARNGSTRONYES" destacada, como um orgulho a exibir a todos.

Já foi um nome de honra, principalmente na era de seu pai, agora era uma lembrança de um passado distante, que talvez nunca volte.

Sua nave, que mais parecia um pequeno pássaro vermelho, foi de encontro a uma colossal estrutura, flutuando no vazio.

Um anel conectado a uma enorme pilastra de metal que rodopiava eternamente, para economizar na neogravidade, esta que tinha outras estruturas circulares ao seu redor.

Ao se aproximar, uma enorme bocarra metálica se abriu para recebê-lo.

Um ponto vermelho estava sendo devorado, por um monstro gigantesco, sobre a vista das infinitas estrelas, que adornavam a escuridão, como uma caixa de joias e cristais, que se derramou sobre o chão.

Então a nave de Dorot automaticamente, iniciou o processo de atracagem, sobre uma enorme plataforma circular, várias escotilhas se abriram debaixo da nave, como um pássaro que arrisca suas penas.

Dessas aberturas saíram três objetos estranhos, de formas cinzentas e em formatos que lembravam pés de galinha.

Os trens de pouso distorceram sua forma, no objetivo de se encaixar na plataforma abaixo.

Agora conectado à plataforma, ela desceu para o interior de um cômodo e girou de ponta cabeça, a abertura por onde desceu, agora era o chão.

Para aumentar a confusão, o ambiente foi selado e gases foram atirados em todas as direções enchendo o cômodo de ar.

A plataforma ascendeu em direção ao teto e ele se partiu no meio e a plataforma continuou a subir para um outro andar.

Este andar era como um enorme galpão, várias outras embarcações estavam lá, umas eram pequenas e outras gigantescas, mas nenhuma era tão linda quanto a sua.

Pensando nisso, Dorot, até então confiante, selecionou uma opção no painel de sua ilustre carruagem cósmica.

FEUDO CÓSMICO

Antes que alguém percebesse, o nome gravado no casco da nave, se mesclou com a pintura e sumiu de lá, já que ninguém podia saber de sua presença, ele tinha que ser discreto.

Uma abertura acima da nave se formou e um barulho forte de gás veio junto.
como um ovo se rachando, a escotilha da cápsula onde fica o piloto, se moveu 90 graus e uma camada interna fez o mesmo, só que esta foi direcionada para trás.

A plataforma abaixo começou a fazer sons metálicos, então uma espécie de braço mecânico se ergueu de uma fenda, no lado direito da nave.

Ele se levantou, pôs seu pé em uma parte do painel que mais parecia um degrau de escada, e era específica para isso, já que os tão estimados, tecnomagos do Laboratório Real do Reino de Victorian, sempre pensam em todos os detalhes.

O braço mecânico vendo isso, posicionou uma escada para Dorot usar, ao descer da nave, ele foi até a raíz do braço e retirou uma ficha de uma caixa de atendimento.

Então uma voz etérea falou — deseja abastecer senhor? — Dorot ao ouvir isso, olhou desconfiado em direção às outras embarcações.

Decidido, ele falou — permito que encha o tanque de minha carruagem — a máquina estava prestes a dizer o preço, mas Dorot ignorou, dinheiro não era um problema, por enquanto.

Ele então foi em direção a uma das instalações de lazer, estava cheio de pessoas esquisitas, das mais diferentes formas.

A edição genética era uma benção, normalmente usada pelos nobres apenas para fins estéticos, mas a plebe tornou isso uma maldição.

As mais variadas aberrações andavam para lá e pra cá, uns com pele azul ou verde, outros tinham pelo em excesso e alguns tinham guelras, era como um show de horrores.

Ele entrou em uma área de bar, olhou em busca de uma cadeira livre e encontrou o que queria.

Agora sentado, ele pediu ao V.A de atendimento que lhe trouxesse uma bebida, o que Dorot estava prestes a fazer, não podia ser feito sóbrio.

Quando a máquina de atendimento, virou para atender outra pessoa, tornou-se possível ver graffitis nas costas do vassalo automatizado, tinha palavras e frases como: foda-me, escravo perfeito, lixo de tecnomago, ladrão de oportunidades e muitas outras ofensas repugnantes.

Tensão, medo e incerteza vieram à sua cabeça, mas esta decisão, tinha de ser tomada, Dorot então virou o copo, engolindo toda a bebida para tomar coragem, olhou em direção a um homem.

Ele estava usando uma camiseta branca e calças com tom de metal enferrujado, tinha um coldre de arma em sua cintura à mostra, para intimidar algum possível Encrenqueiro.

Dorot se aproximou dele e falou — vim falar com o Alkreyzu, tenho negócios a tratar com ele — tentou parecer confiante em sua voz.

O homem apenas olhou em seus olhos, com frieza, levantou-se e disse — ninguém fala com ele, ele que fala com você, não entenda errado — enquanto falava, ele virava o rosto e mostrava suas cicatrizes.

As cicatrizes em seu rosto formavam uma constelação, que supostamente era o campo de ação dos mala sunt, Dorot não estava acostumado a lidar com essa gente perigosa.

Em sua ingenuidade ele perguntou — e quem seria você? — logo que essas palavras saíram de sua boca, ele percebeu sua estupidez, o problema é que esta foi percebida pelos outros.

Um silêncio sepulcral tomou o espaço ao redor, era como se uma pessoa tivesse gritado pela atenção de todos.

Com um tom de animador de torcida, o homem gritou — Quem! Sou! eu! — todos olharam, alguns riam, outros desviavam o olhar, mas todos já sabiam a resposta, Dorot era o único desavisado.

As pessoas começaram a falar — MESTIÇO! MESTIÇO! MESTIÇO! — a plateia, que era o que eles eram agora, gritava em clamor de alguém que eles adoravam e riam de seu invasor.

Com os braços abertos e de pé, ele perguntou — eu que pergunto agora! quem, é, você? — falou bem devagar, só para assustar e estava funcionando.

Dorot, em sua rara esperteza — eu possuo a chave de Akganimudz — disse bem calmamente.

A chave de akganimudz era uma história de ninar, que fala sobre um garoto que queria ser um viajante interestelar, mas que ainda era muito jovem, então um dia ele fez um acordo com uma constelação, com justamente o nome da história.

Ela então ofereceu para ele uma chave que permitia uma viagem rápida e fácil para outros mundos, o jovem garoto usou a chave para ir até um planeta ancorado na órbita de uma estrela sombria.

Quando o garoto retornou a sua casa para falar a novidade a todos de seu planeta, ninguém o conhecia e ele não conhecia ninguém, pois todos morreram de velhice a muito tempo.

Essa história tem três interpretações, a primeira é para não confiar em desconhecidos, a segunda se refere às distorções temporais de uma estrela sombria.

E a última, é que essa história, foi criada pelos nobres para que os plebeus, não abandonassem suas obrigações para com eles e fossem para as colônias, devido a algum sentimento inútil de busca por aventuras.

Percebendo o recado, o homem conhecido pela alcunha de Mestiço, sinalizou com a cabeça para uma das mulheres na cadeira ao lado.

Todos começaram a voltar para seus lugares e seus assuntos, era como se a gritaria selvagem de agora a pouco não tivesse acontecido.

Mestiço então sinalizou com a cabeça para um dos poucos baristas *humanities*, no balcão.

— acompanhe-me — foram suas únicas palavras ditas formalmente desde o início da conversa.

Dorot o acompanhou, como um servo acompanha seu mestre, ele odiava essa sensação, como se estivesse em um universo com leis invertidas.

Eles seguiram um caminho estreito, atravessaram uma cozinha imunda, cheia de funcionários correndo de um lado para o outro, depois, chegaram em um corredor escuro, iluminado apenas por uma luz vermelha.

De repente, uma mulher chega por trás de Dorot, ele se assusta, era fácil imaginar que seria emboscado nesse canto escuro, mas ela apenas passa por ele e fala algo nos ouvidos de Mestiço.

Ela era bonita, seus longos cabelos azulados como veias de um pulso doente, reluziam como o céu a noite, mas mulheres bonitas sempre são perigosas.

Dorot sabendo disso, decidiu, pelo seu próprio bem estar, usar sua audição editada geneticamente, que é usada pelos nobres, para sondar conversas em banquetes, para escutar a conversa secreta dos dois.

— Verifiquei com o chefe e ele não pretendia receber ninguém pelos próximos dois ciclos lunares — cochichou a mulher.

Isso era preocupante, será que ele deveria usar aquilo?

— Ele sabia a senha pessoal dos líderes, deve ter uma boa história com o chefe — falou, presumindo um passado de Dorot com Alkreyzu e estava certo.

A calma veio por um instante, Dorot estava a salvo, por enquanto, a mulher ficou de costas contra a parede e abaixou a cabeça para eles passarem.

Seguindo o seu, nenhum pouco confiável, anfitrião até um elevador bem discreto, Dorot entrou e se instalou em um canto, com o receio de uma besta que está sendo levada a um matadouro, enquanto Mestiço apenas se inclinou para dentro e apertou um botão.

— Você não vem?É a segurança dele — falou Dorot, torcendo para sua resposta ser um não.

— Você não representa ameaça alguma para ele, além do mais, eu queria saber de uma coisinha — falou amigavelmente, sem se importar de chamá-lo de fraco.

— O que deseja saber? — Dorot falou, tremulamente, querendo terminar logo com essa conversa desagradavel.

— Qual o seu sol? — falou como se fosse uma pergunta rotineira, mas para os mala sunt, território em que uma pessoa mora, decide se ela vive ou morre.

Dorot tinha que acertar essa resposta, senão tudo estava perdido, simplesmente por não ter nascido em um lugar favorável para estes piratas.

Com receio ele disse — Nukt Clav-017.24, eu fui criado na segunda lua do terceiro planeta — ele olhou a expressão do homem, viu ele sorrir com a boca fechada, ele estava a salvo por hora.

Mestiço se encheu com uma onda fraterna e disse — você é um Getsu-jin, que coincidência, eu também, sou de Tann Vofuy e vivi na única lua do nono planeta, claro, eu não lembro o numero como você, mas quem lembraria? — era como se fossem amigos agora, mas apenas Mestiço estava feliz com essa suposta amizade.

Mestiço se despediu enquanto a porta se fechava, quando se fechou, Dorot sentiu um peso simplesmente sumir, nunca sentiu tamanho alívio.

Aquele homem era conhecido por destroçar seus inimigos como se fosse um monstro se alimentando, seu apelido era originado de múltiplas fontes, mas todas elas tinham uma coisa em comum.

Nunca queira atravessar seu caminho.

Com o movimento do elevador para um andar distante, Dorot preparou seus argumentos, era uma questão de honra.

Ele olhou pelo vidro para se distrair, o que parecia ser uma cidade se estendia na vertical, era possível ver a curvatura de qualquer lugar.

Ao contrário do horizonte de um planeta, aqui a curvatura apontava para cima, os prédios e instalações pareciam entortar aos olhos de um observador.

Essa visão ainda causava certo enjoo em alguém, como Dorot, que viveu a vida toda em um planeta.

Dorot então voltou sua atenção para a porta, ele fez o rosto de alguém pronto para tudo, como era esse rosto? ninguém sabe.

A porta se abriu em um som de vácuo sendo desfeito, toda instalação no espaço tem que ser hermeticamente lacrada.

A sala possuía pouca iluminação, havia uma atmosfera de perigo no ar.

Tudo indicava que alí, já houveram conversas e negociações pesadas.

Era como se o cômodo em si tivesse o poder para decidir o rumo do Reino.

— Pode entrar, não fique acanhado — falou o homem na penumbra, despertando Dorot de sua desatenção temporária.

Dorot finalmente entrou na sala e caminhou em direção a uma cadeira, ele olhou ao redor mas nada era identificado por sua visão.

Dorot se arrependeu de não ter editado seus olhos como sua irmã o aconselhou, era útil para um nobre ter boa audição, mas a visão pouco tinha utilidade para eles.

[essa parte abaixo é uma finalização de chave de ouro, estou pensando ainda em como conectar]

No cosmos muitos tratos são forjados, conexões são criadas e palavras selam destinos com seu poder infinito, mas é bom saber bem, em quem depositar sua confiança, pois ninguém é verdadeiramente confiável nesse cosmos

[redacted]

Capítulo 2
—Boa viagem a todos.

RPK-7z3 era sua designação, uma nova unidade de Vassalo Automatizado criado pelos melhores e mais geniais tecnomagos do Laboratório Real do Reino de Victorian.

Criado para suceder os antigos combatentes de seu “povo”, é mais eficiente, tem uma mira melhor, é mais durável e mais resistente, tudo isso por um preço amigável.

Como tudo que é feito, sempre será substituído, por algo que foi feito melhor.

Ele, que não era ele e nem ela, seguia ordens bem estritas, porém simples, como todo bom V.A, ele estava programado com os três mandamentos da robótica, que apareceram em sua visão, como uma recordação de seus valores de vida, valores estes que definem todos os seus iguais pelo resto da existência.

1º mandamento: Um robô não deve ferir um nobre, nem permitir, por inação, que um nobre venha a ser ferido.

2º mandamento: Um robô deve servir lealmente ao seu mestre, e ao Reino de Victorian, mesmo que isto, entre em conflito direto com a Primeira Lei.

3º mandamento: Um robô deve preservar sua própria existência, desde que isso não entre em conflito com a Primeira ou Segunda Leis.

Seguindo estas diretivas primordiais, ele poderia “viver” em sociedade e servir aos seres *humanities*.

Andando com suas próprias penas depois de tanto tempo em laboratórios, testando suas capacidades e sendo espancado com varas de metal, RPK-7z3 pode finalmente se considerar livre.

Tirando o fato de que ele tem que trabalhar como segurança o tempo inteiro, sem pausas para descanso ou qualquer tipo de remuneração.

[redacted]

FEUDO CÓSMICO

[redacted]